

O último trem para Moscou

CMP 2.10.70

LUCIANO CABRAL DUARTE

A pesar das vozes (poucas, na verdade) que, durante as décadas dos anos 70 e 80, se levantaram contra a tentativa de levar-se a Igreja Católica da América Latina a uma convergência com o marxismo, encarnado na União Soviética e em Cuba, por exemplo, nossos teólogos progressistas não cederam um ponto.

Enrique Dussel, teólogo leigo argentino, tenor progressista, afirmou: "A única maneira de sobreviver, para o catolicismo sul-americano, é unir-se ao comunismo." De seu lado, frei Betto, irmão leigo dominicano de São Paulo, escreveu seu best-seller "Fidel e a Religião", repleto de contradições e de inverdades, e seu livro disseminou a desorientação entre uma multidão de leitores. O livro tenta mostrar que o "admirável comunismo cubano" é compatível com o cristianismo. Não contente, frei Betto vai, neste ano de 1988, à Polônia e comparece à televisão do Estado comunista. Emoldurado por seu belo hábito dominicano raramente usado, afirma aos poloneses que eles estão no regime político mais perfeito do mundo: o comunismo. Esta encenação televisiva ecoou em todos os países do Ocidente. Muito menor repercussão teve a vibrante reação dos dominicanos que nasceram e vivem na Polônia, protestando contra a ingerência de um intruso nos assuntos de seu país. E, na ocasião, mandaram frei Betto cantar em seu próprio terreiro...

Frei Leonardo Boff, convidado pelo patriarcado de Moscou, triste instrumento nas mãos do governo soviético, passa oito ou dez dias naquele imenso país, e regressa tonitruante: "Não existe país com tanta liberdade como a URSS. Não se vêem restrições à liberdade religiosa." E ainda mais, ("incredibile dictu"): "A URSS é uma nação onde os homens pecam menos do que no Ocidente"... Em outras palavras: o cientista social

e o teólogo que falam pelos escritos de frei Boff, encontraram, na terra, a antecâmara do paraíso. Talvez também a "câmara", mas isto não se vê claro e não quero arriscar uma interpretação demasiado afoita...

Como se não bastasse, o padre David Reagan, irlandês, que viveu muitos anos no Brasil, e que foi durante sete anos assessor da CNBB, morando na sede da entidade, em Brasília, estando presente a todas as Assembléias da CNBB no período recente dos seus atentos serviços ao episcopado, assevera num livro que há poucos meses foi traduzido do inglês para o português: "Quem quisesse uma imagem fotográfica da CNBB, não erraria vendo, na face da Conferência, duas coisas: de frente, os traços de Karl Marx; e de lado, linhas do perfil de Jesus Cristo"...

E para concluir esta palheta de afirmações tão graves, cito o corajoso bispo de Valença, dom Amaury Castanho, o qual no seu livro de 1987, "Caminhos da CEBs no Brasil", escreve: "A ideologia da maioria das CEBs no Brasil é a marxista."

Dir-se-ia que os ilustres autores citados (menos d. Amaury, é claro) e mais a maioria das CEBs brasileiras, pupilas dos olhos de tantos eclesiais patricios, adotaram como inspiração imutável de seu pensamento a frase de Jean Paul Sartre: "O Marxismo é o horizonte inultrapassável de nossa cultura."

Ora, que pensar de tudo isto, quando se lê o livro "Perestroika", do atual secretário-geral do PCUS, Mikhail Gorbatchev? E quando se toma conhecimento das resoluções do último Congresso Extraordinário do Partido Comunista da URSS, concluído há uns poucos dias, em Moscou, homologando tudo o que escrevera o brilhante sucessor de Tchernenko, Andropov e Brejnev?

O ideário traçado neste livro extraordinário que é "Perestroika",

é discutível. Se a "perestroika" é uma revolução ou apenas um conjunto de reformas, este dilema parece-me um conflito que só o futuro poderá solucionar definitivamente.

Mas, "Perestroika" nos oferece uma preciosa informação, partida da voz mais autorizada para fornecê-la. Este depoimento capital é o seguinte. O regime comunista, implantado a ferro e fogo na URSS, como sistema sócio-econômico, análise lógica da sociedade e modo de convivência humana fracassou redondamente. Se outro grande mérito não tivesse, Gorbatchev tem direito ao reconhecimento do Ocidente, porque, abandonando a retórica louvaminheira e mentirosa de seus antecessores, o atual secretário-geral do PCUS rasga o tumor ante os olhos espantados do mundo inteiro. Vou citar algumas declarações de Gorbatchev, em "Perestroika".

"Qualquer demora para implantar a 'perestroika' (na URSS) poderia levar-nos, num futuro próximo, a uma situação exacerbada, terreno fértil para uma grave crise social, econômica e política" ("Perestroika", pág. 15).

"Nossos foguetes conseguem encontrar o cometa Halley e atingir Vênus, com uma precisão surpreendente. (...) E muitos dos eletrodomésticos, na URSS, apresentam uma qualidade sofrível" (o.c. pág. 20).

"A apresentação de uma realidade (soviética) sem problemas foi um tiro que saiu pela culatra. O alcoolismo, o consumo de drogas e o crime aumentavam" (o.c. pág. 21).

"Surgiu um clima de vale-tudo, e começou-se a negligenciar a disciplina e a responsabilidade. O mundo do dia-a-dia e o da falsa prosperidade ficaram cada vez mais separados" (o.c. pág. 22).

"É embaraçoso, para nós, que nosso produtos sejam de tão má qualidade. Estamos roubando a nós mesmos!" (o.c. pág. 76, cita-

ção de uma carta para Gorbatchev, vinda da República de Iakut, no Extremo Oriente).

"Será que o sr. crê ser fácil despertar uma nação de milhares de habitantes, que foi ninada para dormir durante décadas e décadas?" (o.c. pág. 78, citação de outra carta, vinda da República da Moldávia).

"Durante muitos anos nossa política foi a de construir mais e mais empresas. Enquanto isto, as existentes permanecem no mesmo nível tecnológico. (...) Demos uma olhada nos equipamentos que possuíamos. Descobriu-se que apenas uma pequena parte deles se encontrava no nível dos padrões mundiais" (o.c. págs. 104 e 105).

"Mas, e quanto ao fato de as lojas estarem com escassez de muitas mercadorias?" (o.c. pág. 108).

*

As citações, unidas da autoridade de Mikhail Gorbatchev, poderiam continuar, numa melancólica ladainha de fracassos. À luz do depoimento de Gorbatchev, ganha uma inesperada violência o grito de um cidadão de Moscou, durante o congresso dos últimos dias de junho passado: "Como é que o regime comunista, no poder há 70 anos, não conseguiu nem dar comida nem vestir o povo soviético?"

O comunismo da URSS fracassou.

O comboio ferroviário que faz a linha direta Paris-Moscou, anuncia sua próxima e última partida. "Passageiros, queiram tomar seus lugares." Imagino que, entre os últimos fiéis do marxismo, levando para Moscou sua esperança desesperada, deverão estar Enrique Dussel, frei Leonardo Boff, frei Betto, padre David Reagan, e todo o Soviète Supremo das CEBs do Brasil que tiverem adotado o marxismo como sua ideologia.

DOM LUCIANO CABRAL DUARTE, 63, é arcebispo de Aracaju (SE) e doutor em Filosofia pela Universidade Sorbonne (França).

Folha de São Paulo

8-VIII-1988